

MOTIVAÇÃO PARA O ESTUDO DA DOCÊNCIA COLABORATIVA *ONLINE*: UM NOVO TERRITÓRIO A EXPLORAR

05/05/2007

Leonel Tractenberg

EBAPE/FGV e NUTES/UFRJ, leonel.tractenberg@fgv.br

Categoria A - Estratégias e Políticas

Setor 3 - Educação Universitária

Natureza B - Descrição de Projeto em Andamento

Classe 2 – Experiência Inovadora

Resumo

Neste artigo procuramos discutir brevemente o papel da cooperação dentro do macro-contexto da sociedade da informação, e ressaltar a importância da educação para e pela cooperação. Ressaltamos também a importância da discência e da docência colaborativas para o enfrentamento do desafio de ensinar temas complexos, inter, multi e transdisciplinares. Destacamos a importância dos educadores não só desenvolverem práticas pedagógicas que potencializem a cooperação entre os estudantes, mas também práticas de trabalho que potencializem a cooperação docente. Por fim, sustentamos, com base em um levantamento preliminar da literatura sobre o tema, que, apesar de seu potencial de contribuição, a docência colaborativa e, particularmente, a docência colaborativa *online* são temas ainda relativamente pouco pesquisados e, portanto, territórios férteis para explorações.

Palavras-chave: *docência colaborativa online*

1. Introdução

Desde os primórdios da vida na Terra, competição e cooperação¹ constituem formas de interação complementares, fundamentais para garantir a sobrevivência, adaptação e continuidade dos organismos vivos. O homem, ser biologicamente inscrito nessa cadeia evolutiva, mas também historicamente inscrito na cultura, constrói a economia de suas relações com base principalmente nessas duas estratégias. Desde as tribos nômades primitivas de caçadores e coletores, passando pelas civilizações antigas e medievais, observamos indivíduos e grupos humanos ora competindo, ora cooperando entre si, visando atender a seus interesses imediatos. Competição e cooperação estão presentes nas brincadeiras das crianças, nos processos de identificação, de diferenciação e de comparação social, nas disputas, nos processos de aprendizagem e nos ambientes de trabalho. Essa presença se dá tanto no nível interpessoal e grupal e quanto ao nível social mais amplo, configurando redes de interação e de produção de alta complexidade.

A sociedade capitalista organiza e amplifica tanto a dimensão da cooperação quanto a dimensão da competição. O capitalismo moderno, fundado nos ideais liberais de igualdade de direitos, de liberdade individual e de propriedade privada, iniciado com a revolução industrial, tem priorizado a competição entre indivíduos, corporações e nações como princípio-base de sua sustentação e desenvolvimento. A cooperação só é valorizada na medida em que favorece a competição.

Nas últimas décadas, um crescente número de organizações vem incorporando discursos e práticas que objetivam o aumento da competitividade, tais como os da reengenharia, da qualidade total, da aprendizagem e mudança organizacional e da inteligência competitiva. Em nível individual, esses discursos permeiam conceitos como os de marketing pessoal, capital intelectual, empregabilidade, entre outros.

Hoje vivemos em uma era em que a competitividade é buscada a todo o custo. Na sociedade pós-industrial, a velocidade das mudanças, a globalização econômica, entre outros fatores, alimentam e são alimentadas pelo clima de competição entre os atores produtivos. Segundo um dos maiores “gurus” da administração estratégica,

A competição se intensificou de forma drástica ao longo das últimas décadas, em praticamente todas as partes do mundo. (...) [Hoje] Poucos são os setores remanescentes em que a competição ainda não interferiu na estabilidade e na dominação dos mercados. Nenhuma empresa e nenhum país têm condições de ignorar a necessidade de competir. Todas as empresas e todos os países devem procurar compreender e exercer com maestria a competição. (Porter, 1999, p.7)

Esse discurso, quase onipresente, de que as liberdades individuais, a sobrevivência das nações e das empresas encontram-se ameaçadas estimula uma guerra econômica em que o desenvolvimento da competitividade é principal arma (Desjourns, 2003). Mesmo dentro das organizações a competição entre pares tem sido estimulada por um número crescente de gerentes que, assustados com as complexidades e desafios da sociedade atual, buscam consolo e sabedoria em lições milenares de estratégia militar².

Essa busca desenfreada pela competitividade vem ocorrendo a despeito dos eventuais atropelamentos da ética e do aumento do estresse, do sofrimento no trabalho, do desemprego e dos prejuízos causados ao meio ambiente e à sociedade. Segundo Desjourns,

É em nome dessa causa que se utilizam, *larga manu*, no mundo do trabalho, métodos cruéis contra nossos concidadãos, a fim de excluir os que não estão aptos a combater nessa guerra (os velhos que perderam a agilidade, os jovens mal preparados, os vacilantes...): estes são demitidos da empresa, ao passo que dos outros, dos que estão aptos para o combate, exigem-se desempenhos sempre superiores em termos de produtividade, de disponibilidade, de disciplina e de abnegação. Somente sobreviveremos, dizem-nos, se nos superarmos e tornarmos ainda mais eficazes que nossos concorrentes. (2003, p.13)

2. A cooperação na sociedade da informação

O mesmo modo de produção que estimula o desenvolvimento da *hiper-competitividade* paradoxalmente contribui para a crescente interdependência e valorização das formas cooperativas entre diversos atores econômicos em múltiplos níveis.

A partir do final da Segunda Guerra mundial, inicialmente nos países mais desenvolvidos e, posteriormente, em escala global, uma série de transformações na estrutura social, na economia, nas relações de trabalho e nas relações entre ciência e tecnologia começam a delinear o que sociólogos como Daniel Bell e Domenico De Masi denominam de sociedade pós-industrial, e que outros denominam de sociedade da informação (sem autor definido, segundo Freitas, 2001), sociedade pós-moderna (*Liotard*) ou, ainda, sociedade em rede (*Castells*). De Masi (2000) identifica mais de 300 expressões para caracterizar essa nova configuração social, fato que, segundo ele, evidencia o seu caráter complexo, multifacetado, policêntrico. Reconhecemos que estes termos possuem tanto convergências quanto divergências (Freitas, 2002; De Masi, 2000) cuja discussão teórica, apesar de altamente relevante, extrapola os limites deste texto. Utilizaremos aqui os termos sociedade pós-industrial e sociedade da informação como expressões convergentes, indicativas desse novo “momento” da sociedade.

Para alguns estudiosos, a sociedade da informação emergente seria caracterizada, em grande parte, pela crescente interdependência e valorização da economia das redes, da cooperação entre indivíduos e entre organizações, em contraposição à economia de escala ou de massa (Benkler, 2006; Shapiro, 1999). A necessidade de sobreviver em um ambiente global de grande competitividade, mudança e de incertezas leva as organizações a uma reestruturação produtiva caracterizada, entre outros fatores, pela diminuição dos níveis hierárquicos, descentralização dos processos decisórios, uso intensivo de tecnologias, flexibilização dos modos de trabalho, crescente autonomia dos funcionários, levando a uma valorização da colaboração e do trabalho em equipe (Robbins, 2005). Essa mudança não ocorre somente dentro das organizações. Segundo Bialoskorki Neto, professor da Faculdade de Economia e Administração da USP, atualmente

parece haver uma gradual transformação na postura econômica e de negócios, que evolui para ganhar um nível maior de eficiência por meio da cooperação

entre os agentes econômicos e não mais exclusivamente por meio da concorrência. (1998, p.7)

Esses agentes econômicos situam-se em múltiplos níveis, desde o nível dos produtores individuais até o nível dos grandes blocos econômicos transnacionais. Todos eles integram uma economia mundializada que, como nos lembra Edgar Morin,

é cada vez mais um todo interdependente: cada uma de suas partes tornou-se dependente do todo e, reciprocamente, o todo sofre perturbações e imprevistos que afetam as partes. (2003, p. 67)

Merece destaque o fato de que, dentro da economia da informação em rede, indivíduos e pequenas comunidades tornam-se agentes econômicos mais influentes do que eram dentro da economia industrial. Muitos indivíduos, empoderados pelas novas tecnologias, organizam-se em redes interativas e cooperativas, muitas vezes à revelia de atores políticos e econômicos dominantes³.

Segundo Benker (2006), as mudanças nos modos de produzir e de compartilhar informações, contingentes ao desenvolvimento das tecnologias e às transformações sociais mais amplas, ampliaram as potencialidades das produções não-proprietárias e não mercadológicas, tanto por indivíduos isolados, quanto por comunidades que, de modo efêmero e disperso, operam esforços cooperativos e não-estruturados. Exemplos disso são o *Linux*⁴, a *Wikipedia*⁵ e o *YouTube*⁶. Para este autor, essas produções têm crescente importância dentro da nova economia da informação.

Mas quais seriam as motivações dos indivíduos para produzirem algo cooperativamente, muitas vezes sem a perspectiva de receberem recompensas diretas? E por que agora essa dinâmica tornou-se mais evidente?

Benkler (2006) procura responder a essas questões afirmando que não precisamos assumir nenhuma mudança fundamental na natureza humana, nem declarar o fim da economia como a conhecemos. Simplesmente devemos considerar que as condições materiais de produção numa economia da informação em rede foram ampliadas [pelas novas tecnologias], colocando em evidência modos de troca e compartilhamento social que eram familiares a nós dentro de pequenos círculos de relacionamento interpessoal, visando atender a necessidades de aceitação e de reconhecimento social e a outros interesses mútuos.

3. Educar para a cooperação: um desafio atual

Morin (2003) chama de Era Planetária o momento, iniciado por volta do século XVI, em que a humanidade começa a desenvolver uma consciência global, pensando o mundo como um objeto uno. Para este autor, o enfrentamento dos desafios que a humanidade tem pela frente passa inexoravelmente pela ampliação da identidade e consciência terrenas, acima dos conflitos e diferenças nacionais, culturais, religiosas, entre tantas outras, que nos separam. "A união planetária é a exigência racional mínima de um mundo encolhido e interdependente." (p.75), diz ele. É preciso aprender a viver

junto e trabalhar cooperativamente, como recomenda o relatório da comissão da Unesco para a educação no século XXI (Delors, 1996).

A cooperação não deve ser analisada somente no seu aspecto econômico, mas como parte de um fenômeno social emergente mais amplo: a interatividade. Para Silva (1999), interatividade é uma nova modalidade comunicacional que emerge no final do século XX, com a superação da "lógica da distribuição", própria da fábrica e da mídia de massa, pela "lógica da comunicação", da dialogicidade. Segundo o autor, isso se dá com

a instauração de uma nova configuração tecnológica (no sentido das tecnologias informáticas conversacionais), e de uma nova dimensão mercadológica (no sentido da busca de diálogo entre produtor/produto/cliente). Mas isso ocorre imbricado com transformações que se dão na esfera social, onde se pode observar não mais a pregnância da passividade da recepção diante da emissão do produto acabado, mas uma crescente autonomia de busca onde cada indivíduo faz por si mesmo, num ambiente polifônico, polissêmico, que vem à tona quando ocorre o enfraquecimento dos grandes referentes que determinavam significações ou verdades acabadas para o consumo passivo das massas (Igreja, Política, Família, Ideologia, Educação Escolar, Mídia de Massa, etc.). (p. 139)

Interatividade e cooperação merecem maior compreensão não só por constituírem dinâmicas basilares na sociedade atual, mas, sobretudo, por serem processos altamente relevantes para o enfrentamento dos desafios globais de sobrevivência e do desenvolvimento planetário sustentável de agora em diante. Dentre esses desafios, podemos mencionar: a ameaça atômica; o problema ecológico; o terrorismo; a desigualdade social; a violência urbana; as ameaças à saúde coletiva; o capitalismo das corporações *predatórias*. São problemas que ultrapassam fronteiras geográficas, culturais, políticas, disciplinares, de classe, entre tantas outras.

Para a Educação os desafios são múltiplos. Dentre eles, podemos mencionar:

- a necessidade de avançar na pedagogia da compreensão das diferenças, do diálogo, da cooperação e colaboração;
- a necessidade de uma aprendizagem mais pertinente, significativa, contextualizada e integradora, que rompa com a rigidez da separação entre disciplinas e dos modelos transmissivos de conhecimento, e que amplie a visão crítica, a capacidade de resolver problemas complexos e de inovar.

4. Educar pela cooperação: contribuições e desafios da distância e da docência colaborativas

Abordagens construtivistas desempenham um papel fundamental para a superação dos desafios supracitados na medida em que estas promovem a autonomia dos educandos e aprendizagens mais significativas e contextualizadas por meio da interação social, da cooperação e da colaboração (Struchiner & Giannella, 2005).

Nos últimos anos, as práticas de aprendizagem cooperativa/colaborativa vêm se difundindo entre os educadores. Em particular, isso vem ocorrendo de modo acelerado no campo da Educação a Distância (EAD) com a aplicação

das novas tecnologias de informação e de comunicação (TICs). Multiplicam-se os estudos e pesquisas que visam explorar novas formas dos alunos interagirem e aprenderem em grupos presenciais e em ambientes virtuais de aprendizagem.

Contudo, a disseminação dessas práticas, presenciais ou a distância, não ocorre sem dificuldades e resistências. Sobretudo, é fundamental repensar os processos de formação docente, bem como a organização e contexto do seu trabalho. Destacamos aqui alguns desafios:

- os hábitos arraigados de uma prática educacional baseada na transmissão de conteúdos;
- as estruturas institucionais e curriculares, cristalizadas dentro de uma divisão disciplinar tradicional;
- a falta de traquejo com as novas tecnologias da informação e da comunicação e sua possível aplicabilidade no processo de ensino-aprendizagem presencial, semi-presencial e a distância;
- o desconhecimento das abordagens e métodos construtivistas: de trabalho colaborativo, aprendizagem baseada em problemas, aprendizagem por projetos, aprendizagem situada, entre outros;
- o medo e a incerteza frente a mudanças que ameacem o *status quo* e a estabilidade alcançados;
- a forma como o trabalho docente é pensado e estruturado: isolado de outras disciplinas, restrito a um determinado espaço-tempo de aula e envolvendo pouca ou nenhuma colaboração / diálogo inter, multi e transdisciplinar.

Se a colaboração discente têm sido cada vez mais estudada e incentivada, o mesmo não ocorre com a colaboração docente. O trabalho docente, seja ele presencial ou *online*, permanece quase que em sua totalidade uma atividade individual. Isso acontece mesmo quando o professor adota a colaboração como sua filosofia de trabalho junto aos alunos. A docência colaborativa é atividade raramente praticada ou geralmente ocorre de forma pontual e parcial: um professor convida outro para ministrar algumas aulas em sua disciplina (ensino compartilhado); os professores reúnem-se para avaliar o desempenho de determinada turma; um grupo de professores-autores reúne-se para desenvolver o conteúdo de um curso; um professor titular observa e avalia a aula de um professor assistente; apenas para ilustrar alguns exemplos⁷. Mesmo as chamadas comunidades virtuais de aprendizagem frequentemente são compostas por um grupo de aprendizes e um único docente (tutor/moderador/facilitador).

Shields (1998) aponta uma justificativa psicossocial para esse comportamento, quando afirma que

a maioria de nós [professores] conhece mais sobre aprendizagem cooperativa do que sobre docência colaborativa. Nós também somos muito mais abertos à primeira do que à última. (...) Enquanto a aprendizagem colaborativa parece oferecer uma alternativa ética promissora para o modelo competitivo do desempenho e avaliação individualizados, a noção de colaboração docente enerva muitos de nós porque ela implica na perda da autonomia profissional e, de fato, sugere (para nossos colegas, ao menos) que nós não somos aptos à tarefa de ensinar que nos é colocada. (p.1)

Contudo, as justificativas desse *modus operandi* do trabalho docente remontam aos primórdios da história da pedagogia. A racionalização científica

(positivista) do trabalho na sociedade industrial contribuiu fortemente para a sua perpetuação.

Definimos a colaboração docente, ou **docência colaborativa** como sendo uma modalidade de trabalho em que dois ou mais professores se reúnem, interagem e somam esforços para planejar, desenvolver, implementar e avaliar experiências de ensino-aprendizagem (colaborativas ou não). A docência colaborativa integra uma série de sub-modalidades ou formas de organização do trabalho colaborativo, com nuances e denominações variadas conforme os objetivos e o campo educacional específico em que são desenvolvidas. Na literatura internacional, até o momento, identificamos as seguintes denominações que se referem direta ou proximamente a essa noção:

- *Collaborative teaching* – docência/ensino colaborativo;
- *Cooperative teaching* – docência/ensino cooperativo;
- *Co-teaching* (ou *coteaching*) – docência/ensino conjunto;
- *Team teaching* (ou *teaching teams*) – docência/ensino em equipe;
- *Peer-teaching* – docência/ensino entre pares;
- *Peer-coaching* – acompanhamento e orientação realizada por outro colega docente;
- *Distributed/ de-centered/ shared teaching* – docência distribuída/ descentralizada/ compartilhada;
- *Mentoring* – mentoria (quando realizada visando à formação de professores).

A **docência colaborativa online** é uma modalidade de docência colaborativa que faz uso intensivo das TICs, aproveitando seus recursos, potencialidades e benefícios. Da mesma forma que os dispositivos da educação *online* favorecem a colaboração flexível e a distância entre aprendizes, eles podem favorecer a colaboração docente.

Em uma análise inicial, as bases teóricas que justificam a colaboração discente e a colaboração docente são bastante diferentes. Enquanto a primeira encontra fundamentação nas teorias construtivistas, que defendem que a aprendizagem é favorecida pela interação e a colaboração entre alunos, a segunda encontra fundamentação nos benefícios advindos do trabalho em grupo. A primeira remonta à Psicologia da Aprendizagem. A segunda, à Psicologia Social, Organizacional e do Trabalho, bem como à Sociologia e à ciência da Administração. Portanto, qual seria o sentido de aproximar e comparar essas duas noções aparentemente dissociadas?

Primeiramente, para chamar atenção sobre uma contradição no discurso e na práxis pedagógica: o trabalho colaborativo é fortemente recomendado àqueles que querem aprender, mas é visto com grandes restrições para aqueles que querem ensinar. Em segundo lugar, para apontar uma possível articulação entre ambas.

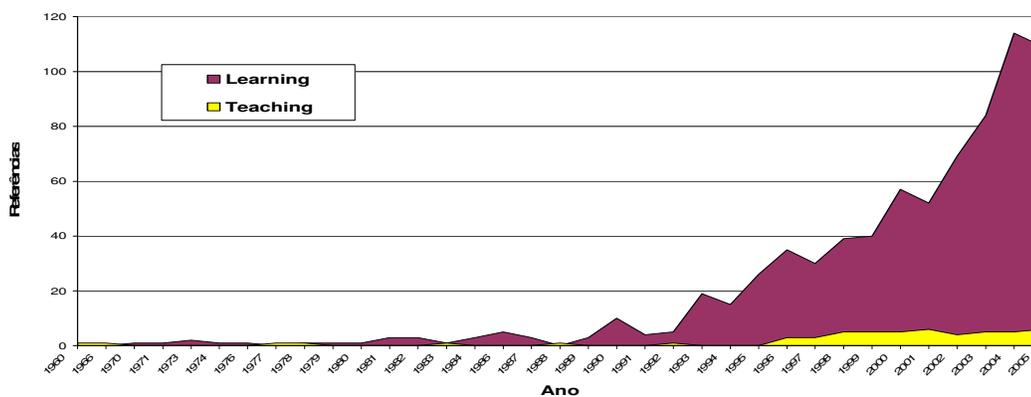
Na medida em que os saberes se entrelaçam, demandando abordagens inter, multi e transdisciplinares⁸ para dar conta de problemas cada vez mais complexos, tornam-se necessários novos métodos de ensino e novas formas de organizar o trabalho docente. Segundo Nóvoa (2002), é necessário que os educadores dêem o exemplo, atualizando suas práticas de trabalho, *inscrevendo em sua cultura profissional os princípios da troca, da aprendizagem e da cooperação inter-pares*, promovendo o que esse autor denomina de *colegialidade docente*.

Essas necessidades parecem ser maiores em áreas perpassadas por uma grande quantidade de problemas pouco estruturados (*ill-structured*) e definidos (*ill-defined*), isto é, problemas definidos de forma vaga ou incompleta, com fronteiras (espaço de problema) pouco claras e que admitem múltiplas soluções ou soluções não-convergentes, cuja avaliação depende do contexto e do consenso em torno de critérios estabelecidos. São problemas que, portanto, necessitam da integração e do diálogo entre diversos domínios para serem resolvidos (Struchiner & Giannella, 2005). O desenvolvimento desse pensamento policêntrico e de profissionais capazes de solucionar problemas complexos, multifacetados, definidos de forma incompleta constitui um dos grandes desafios para a educação nessas áreas. É precisamente aqui que colaboração discente e docente, presencial e/ou *online*, podem se articular, favorecendo a aprendizagem de temas complexos.

5. Docência colaborativa e docência colaborativa *online*: terrenos ainda pouco explorados

A relevância do trabalho em equipe nas instituições de ensino tem sido apontada em diversos documentos que tratam da gestão educacional e da formação de professores (Almeida, 2006; Unesco, 1998; MEC, 2000; Woods et al., 1998). Apesar disso, comparativamente ao tema da aprendizagem colaborativa, o tema da docência colaborativa dispõe de um número bastante reduzido de publicações. Um levantamento bibliográfico comparativo sobre os dois temas serve para ilustrar essa afirmação (ver Gráfico 1).

Gráfico 1 - Comparação da produção bibliográfica sobre aprendizagem colaborativa (*collaborative learning*) e sobre docência colaborativa (*collaborative teaching*) indexadas pela base de dados Web of Science ⁹



O levantamento bibliográfico feito na Web of Science pretendeu cobrir parte representativa da literatura sobre docência colaborativa publicada no período entre 1950 e 2005. Esse levantamento foi posteriormente complementado por outro, utilizando os mesmos termos de busca no Google Scholar, aumentando o número de referências para cerca de 170, entre artigos, capítulos de livros, livros, teses e dissertações sobre o tema.

Nessa análise preliminar da bibliografia sobre docência colaborativa, verifica-se que grande parte da literatura existente sobre o tema está

relacionada à formação de professores, à cooperação interinstitucional e ao ensino de temas complexos, inter, multi e transdisciplinares, ou que demandam abordagem de equipe multi-profissional. O artigo mais antigo referenciado pela base de dados *Web of Science* que aborda o tema da docência colaborativa, relata uma experiência de ensino multidisciplinar, integrando as áreas de psiquiatria, de medicina e de farmacologia¹⁰.

Das cerca de 170 referências levantadas, 20 referências estão relacionadas à docência colaborativa *online* propriamente dita. Alguns trabalhos mencionam a expressão “*collaborative teaching and learning*”, ou mesmo “*collaborative teaching*”, em seus títulos ou palavras-chave, porém enfocam a colaboração apenas do ponto de vista dos aprendizes, facilitada por um único professor. Os poucos trabalhos que enfocam a colaboração docente Online analisam/abordam:

- a questão do compartilhamento de autoridade por parte dos docentes;
- experiências e desafios da docência colaborativa *Online*;
- o ensino de idiomas e de temas interdisciplinares;
- o uso das NTICs na colaboração docente;
- projetos de cooperação em nível interdepartamental, interinstitucional e internacional;
- o desenvolvimento de sistemas de tutoria inteligente e de objetos de aprendizagem por equipes de professores;
- formação inicial e mentoria de tutores de cursos *Online*.

Em futuro trabalho apresentaremos uma análise e revisão mais detalhadas dessa bibliografia, a fim de embasar nossa pesquisa de doutorado em andamento¹¹.

6. Conclusão

Neste artigo procuramos discutir brevemente o papel da cooperação dentro do macro-contexto da sociedade da informação, e ressaltar a importância da educação para e pela cooperação. Ressaltamos também a importância da discência e da docência colaborativas para o enfrentamento do desafio de ensinar temas complexos, inter, multi e transdisciplinares. Destacamos a importância dos educadores não só desenvolverem práticas pedagógicas que potencializem a cooperação entre os estudantes, mas também práticas de trabalho que potencializem a cooperação docente. Por fim, sustentamos, com base em um levantamento preliminar da literatura sobre o tema, que, apesar de seu potencial de contribuição, a docência colaborativa e, particularmente, a docência colaborativa *online* são temas ainda relativamente pouco pesquisados e, portanto, territórios férteis para explorações.

7. Referências

- [1] ALMEIDA, M.E.B. Tecnologias na educação, formação de educadores e recursividade entre teoria e prática: trajetória do programa de pós-graduação em educação e currículo. *Revista E-Curriculum*, São Paulo, v.1, n.1, dez. - jul. 2005-2006.
- [2] BENKLER, Y. *The wealth of networks: How social production transforms markets and freedom*. London: Yale Univ. Press, 2006.
- [3] BIALOSKORSKI NETO, S. *Ensaio em Cooperativismo*. São Paulo: Departamento de Economia e Sociologia Rural, FEA/USP, 1998.
- [4] BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). *Proposta de diretrizes para a formação inicial de professores da educação básica em cursos de nível superior*. Maio, 2000.
- [5] DE MASI, D. *A sociedade pós-industrial*. São Paulo: SENAC-SP, 2000.

- [6] DELORS, J. Learning: the treasure within. Paris: UNESCO, 1996.
- [7] DESJOURS, C. A banalização da injustiça social. 5.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- [8] FREITAS, L. A memória polêmica da noção de sociedade da informação e sua relação com a área de informação. *Informação & Sociedade*, v.12, n.2, 2002. Disponível em: <http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/viewFile/147/141>> Acesso em: 18/10/2006.
- [9] MORIN, E. Ciência com consciência. 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- [10] MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 8.ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2003.
- [11] MORIN, E.; LE MOIGNE, J.L. A inteligência da complexidade. São Paulo: Peirópolis, 2000.
- [12] NÓVOA, A. Formação de professores e trabalho pedagógico. Lisboa: Educa, 2002.
- [13] PORTER, M.E. Competição: estratégias competitivas essenciais. 13.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.
- [14] ROBBINS, S. Comportamento organizacional. 11.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.
- [15] SHAPIRO, C. Competition policy in the information economy. In: SHAPIRO, C. et al. Information Rules: A Strategic Guide to the Network Economy, Harvard Business School Press, 1999.
- [16] SHIELDS, Mark A. Collaborative Teaching: Reflections on a Cross-Disciplinary Experience in Engineering Education. ASEE Annual Conference & Exposition: Engineering Education Contributing to U.S. Competitiveness; Seattle, WA; USA; 28 June-1 July 1998
- [17] SILVA, M. Sala de aula interativa. 3.ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2002
- [18] SILVA, M. Um convite à interatividade e à complexidade: novas perspectivas comunicacionais para a sala de aula. In: GONÇALVES, M.A.R. (org.) Educação e cultura: pensando em cidadania. Rio de Janeiro: Quartet, 1999.
- [19] STRUCHINER, M.; GIANNELLA, T.R. Aprendizagem e prática docente na área da saúde: conceitos, paradigmas e inovações. Washington, DC: OPAS, 2005.
- [20] UNESCO. Formação de recursos humanos para a gestão educativa na América Latina. Informe do Fórum realizado no IPE, Buenos Aires, Argentina, 11 e 12 de novembro de 1998.
- [21] WOODS, P. et al. Restructuring schools, reconstructing teachers: responding to changes in the primary school. Buckingham: Open University Press, 1997.

¹ Inicialmente adotamos definições amplas para esses termos. Competição pode ser definida como o comportamento de disputa entre indivíduos da mesma espécie ou de espécies diferentes por alimento, território, pelo parceiro ou parceira, por poder, por recursos etc. Já cooperação refere-se ao comportamento de dois ou mais seres vivos visando a obtenção de benefícios mútuos. Ambas as estratégias visam adaptação e preservação da(s) espécie(s). *Neste artigo utilizamos os termos cooperação e colaboração de forma indiferenciada, apesar de muitos autores fazerem diferenciação entre esses termos.*

² Referimo-nos ao manual de Sun Tzu, A Arte da Guerra, *best-seller* internacional.

³ Pode-se mencionar aqui o tremendo incômodo causado à indústria fonográfica por *softwares* como o Napster e outros sistemas *peer-to-peer*, utilizados para troca de arquivos, como por exemplo de músicas gravadas em formato MP3.

⁴ Sistema operacional de código-aberto, desenvolvido a partir das contribuições de usuários do mundo todo, que hoje ameaça a hegemonia do sistema operacional mais vendido no mundo: o *Windows*, desenvolvido pela Microsoft.

⁵ Enciclopédia *online* aberta, que disponibiliza mais de 5 milhões de artigos desenvolvidos a partir das contribuições dos usuários, e que hoje compete com grandes obras tais como a Enciclopédia Britânica.

⁶ Portal *web* que disponibiliza milhares de vídeos produzidos por usuários de todo o mundo, recentemente comprado pelo Google pelo valor de 1,65 bilhões de dólares.

⁷ É possível também que seja uma prática mais freqüente do que inicialmente supomos. Se isso for verdade, apenas ressalta o fato de ser uma prática merecedora de mais estudos.

⁸ Para uma explanação sobre as diferenças entre inter, multi e transdisciplinaridade ver, por exemplo, Santos, E.O. Idéias sobre currículo, caminhos e descaminhos de um labirinto. *Revista da FAEBA*, Salvador, v.13, n.22, p.417-430, jul./dez.,2004.

⁹ Foram utilizadas as seguintes expressões de busca: "collaborative learning", "cooperative learning", "collaborative teaching", "cooperative teaching", "co-teaching", "coteaching" e "team teaching". Fonte: base de dados Web of Science - levantamento realizado em: 05/2006.

¹⁰ MARGOLIN, S.G.; HOLMES, J.H.; WHITEHEAD, R.W. Collaborative teaching by the departments of psychiatry, laboratory medicine, and pharmacology. *Psychosomatic Medicine*, v.22, n.4, 1960. pp. 327-327.

¹¹ Tractenberg, L. "Docência colaborativa *online*: contribuições para o ensino na área da saúde". Projeto de pesquisa em nível de doutorado submetido ao Programa de Pós-graduação Educação em Ciências e Saúde do Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde (NUTES) da UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

Nome do arquivo: 562007122423AM.doc
Pasta: C:\ABED\Trabalhos_13CIED
Modelo: C:\Documents and Settings\Marcelo\Dados de aplicativos\Microsoft\Modelos\Normal.dot
Título: A MENTORIA COMO ESTRATÉGIA PARA MOBILIZAÇÃO DE COMPETÊNCIAS DOCENTES NO PROGRAMA FGV ONLINE
Assunto:
Autor: edmea
Palavras-chave:
Comentários:
Data de criação: 12/5/2007 16:25:00
Número de alterações:2
Última gravação: 12/5/2007 16:25:00
Salvo por: Sergio
Tempo total de edição: 1 Minuto
Última impressão: 24/8/2007 18:05:00
Como a última impressão
Número de páginas: 10
Número de palavras: 4.284 (aprox.)
Número de caracteres: 23.138 (aprox.)